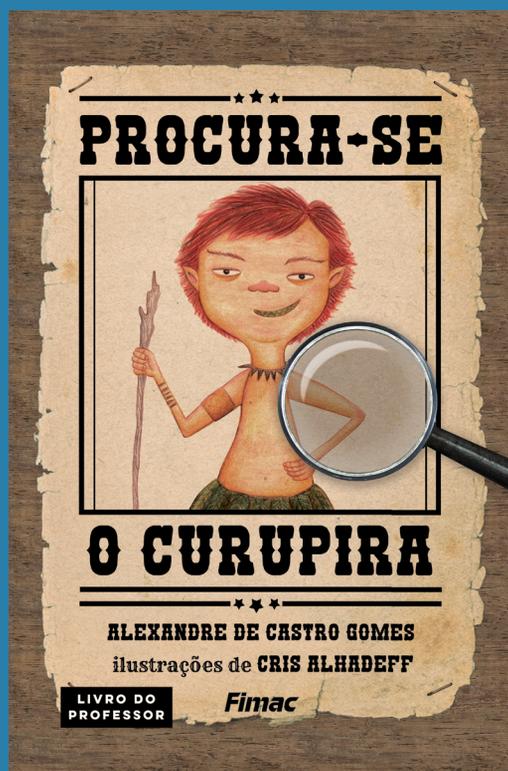


# Material digital de apoio à prática do professor

---



## AUTORIA

Érica Dutra  
Especialista da Comunidade Educativa  
CEDAC

## COORDENAÇÃO

Fátima Fonseca  
Coordenadora da Comunidade Educativa  
CEDAC

**Fimac**

# Material digital de apoio à prática do professor

---

## **AUTORIA**

Érica Dutra

Especialista da Comunidade Educativa CEDAC

## **COORDENAÇÃO**

Fátima Fonseca

Coordenadora da Comunidade Educativa CEDAC

## **LIVRO**

*Procura-se o Curupira*

## **AUTOR**

Alexandre de Castro Gomes

## **ILUSTRADORA**

Cris Alhadeff

## **CATEGORIA 2**

Obras Literárias do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

## **TEMAS**

Diversão e aventura

Cultura popular brasileira

## **GÊNERO LITERÁRIO**

Conto, crônica, novela

***Fimac***

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Angela das Neves

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Dutra, Érica

Material digital de apoio à prática do professor :  
Procura-se o Curupira / Érica Dutra ; coordenação de  
Fátima Fonseca, CEDAC. — 1ª ed. — Belo Horizonte :  
Fimac, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-89691-14-3

I. Literatura infantojuvenil – Estudo e ensino 2. Ma-  
terial de apoio ao professor I. Título II. Fonseca, Fátima  
III. CEDAC IV. Gomes, Alexandre de Castro. Procura-se o  
Curupira.

21-5565

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

FIMAC DISTRIBUIDORA DE LIVROS LTDA.

Rua Itaberá, 877

30260-320 – Belo Horizonte – MG

Telefone: (31) 3194-5029

## Sumário

Carta ao professor .....	5
Estrutura do material digital .....	6
Contextualização .....	7
Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental .....	8
Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa .....	11
Pré-leitura .....	12
Leitura .....	13
Pós-leitura .....	19
Outras propostas de leitura e abordagem da obra .....	21
Ampliação da comunidade de leitores na escola .....	21
Literacia familiar .....	21
Bibliografia comentada .....	24
Sugestões de leituras complementares .....	25

## Carta ao professor

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários são dotados de características que contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, fornecendo múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive, a partir de uma compreensão de si mesmo e do outro. Os bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e podem levar o leitor a ter variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental essa experiência que toca, atravessa e transforma o leitor, e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. Sua matéria-prima é a linguagem, utilizada pelos autores em toda sua potência, elasticidade e facetas. Quantas vezes uma palavra que conhecemos tão bem tem seu sentido transformado em textos literários, construindo novas imagens e ampliando nossa forma de olhar as coisas? O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, conseqüentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em educação, literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em contemplar a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro nos contextos escolar e familiar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para as crianças do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — neste caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

## ESTRUTURA DO MATERIAL DIGITAL

Este material serve como apoio para você trabalhar com o livro *Procura-se o Curupira*. Desde já, enfatizamos que as propostas aqui apresentadas são apenas sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. O material está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** apresentação de informações importantes sobre a obra, o autor e a ilustradora.
- **Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura deste livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora das crianças, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Política Nacional de Alfabetização (PNA).
- **Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho nos momentos da pré e pós-leitura, e também para a interação verbal durante a leitura dialogada, considerando momentos nos quais se possa, ao conversar sobre o lido, também ampliar o contato com a língua e desenvolver uma construção coletiva da compreensão do que se lê.
- **Outras propostas de leitura e abordagem da obra:** sugestões para ampliar o trabalho de leitura na escola e explorar a literacia familiar para que as crianças entrem em contato com outros leitores, o que contribui para se tornarem leitores autônomos.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras usadas para elaborar este material digital, com breves comentários.
- **Sugestões de leituras complementares:** lista de materiais que dialogam com os conteúdos e temas abordados nesta obra e que contribuem para o trabalho do educador.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

Nesta história divertida, personagens do folclore brasileiro são envolvidos em uma trama investigativa: Curupira, Maria Caninana, Cobra Norato, Lobisomem... Eles nos convocam a um mergulho no universo da floresta para conhecer mitos de diversas regiões do nosso país, com o objetivo de desvendar o sequestro de uma criança. Toda essa aventura mobiliza as crianças a quererem descobrir o culpado, convidando-as a assumir a postura de um detetive que, junto com os policiais responsáveis pelo caso, tem a missão de solucionar o crime da maneira mais rápida possível.

Os policiais, Billy e Honaldo com agá, formam uma dupla engraçada e um pouco atrapalhada. Quem narra os acontecimentos é Honaldo, e de sua perspectiva tudo fica mais emocionante, pois ele descreve as cenas que vê e vive ao mesmo tempo que vai dando suas impressões sobre cada participante. Os demais personagens fazem parte do folclore brasileiro — alguns bastante conhecidos como o Lobisomem, a Cuca e o próprio Curupira, porém outros talvez não sejam familiares aos estudantes. Mas isso não é um problema, porque quando um deles aparece na história vemos uma ficha com suas principais características. Aliás, essas fichas merecem destaque: trazem diversos elementos que, além de apresentar os personagens (como foto e informações básicas), ajudam na investigação. Mas são fichas criminais, o que torna todos eles suspeitos de envolvimento com a investigação.

Este livro encaixa-se na temática **Diversão e aventura** justamente por envolver os leitores numa trama permeada de suspense, investigação e muitos encontros e desencontros na floresta. Os policiais, na tentativa de solucionar o sequestro, vivem situações bastante inusitadas e surpreendentes que certamente vão instigar os leitores. Além do mais, a história envolve muitos dos personagens conhecidos do nosso folclore brasileiro, mobilizando assim a temática **Cultura popular brasileira**.

*Procura-se o Curupira* pode ser classificado como **novela**, um gênero menos usual no espaço escolar. Esse gênero é caracterizado por ter um enredo concentrado em poucos personagens — neste caso, são os policiais e os seres fantásticos do folclore — e apresenta um conflito a ser resolvido, com clímax e desfecho, assim como os contos. No entanto, por ser um pouco mais extensa, e especialmente por ter o enredo dividido em dezessete breves capítulos e o epílogo, a narrativa pode ser classificada como novela. Na comparação entre conto e romance, a novela é um gênero de extensão intermediária, maior que o primeiro e menor que o segundo; e apresenta menos conflitos e personagens.

## QUEM ESCREVEU E QUEM ILUSTROU ESTA OBRA

**Alexandre de Castro Gomes**, o autor do texto, é carioca e antes de iniciar sua carreira como escritor trabalhou como professor de inglês, tradutor e guia turístico, mas conta que sempre gostou de criar histórias. Com o nascimento de seus filhos, essa vontade aumentou, e decidiu então pôr no papel algumas de suas criações. Em 2008, um editor gostou das histórias e decidiu publicá-las; desde então não parou mais. Alexandre se especializou em literatura para crianças e jovens e já recebeu muitos prêmios pela qualidade de suas obras, como o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

**Cris Alhadeff**, a ilustradora, também é carioca e apaixonada pelo universo literário. Graduou-se em desenho industrial pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e é especialista em Literatura Infantil e Juvenil. Trabalhou por muitos anos como designer e hoje tem mais de cinquenta obras com seus traços e cores.

Juntos, eles também publicaram *Quem matou o Saci?* (2017), em que os investigadores vão tentar descobrir quem é o responsável por esse crime que ocorreu na festa de aniversário do Saci. O livro recebeu o selo Cátedra 10 da Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio. Empolgados com essa história de suspense envolvendo personagens folclóricos, criaram então *Procura-se o Curupira*.

## POR QUE LER ESTA OBRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Procura-se o Curupira* apresenta uma trama narrativa que prende o leitor desde as primeiras linhas da história, porque o começo dispara o principal acontecimento que envolverá todo o enredo: o sequestro de um menino. Isso poderá gerar grande engajamento dos estudantes, que acompanharão com os policiais a busca pelo culpado, podendo inclusive atuar como um deles — anotando as principais pistas, avaliando os suspeitos e pensando como agiriam se estivessem na floresta. Por todas essas razões, podemos afirmar que esta obra, longe de subestimar a capacidade da criança, valoriza a participação efetiva do leitor no desenvolvimento da narrativa.

Além da trama envolvente, permeada de mistérios e pistas que convidam o leitor a uma postura investigativa, a obra apresenta outras chaves de leitura importantes de serem discutidas em uma proposta que promova a **interação verbal** entre os estudantes. O projeto gráfico dialoga com o enredo e contribui para criar um clima de suspense na obra. A começar pela capa, que se assemelha a um cartaz que anun-

cia a busca por criminosos: o tipo de letra, a lupa e a própria imagem do Curupira levam a crer que ele é culpado por algo. Na quarta capa, vemos uma ficha presa a outras possíveis fichas com um clipe; a foto e o carimbo remetem à atmosfera de crime. Ao longo da história, há mais fichas, todas com informações sobre os personagens do folclore: fotos, características principais de cada um, além de anotações e pistas que podem ajudar a desvendar o mistério.

Outro aspecto que chama atenção é a forma como a história é narrada, sobretudo o início. No primeiro capítulo, temos o diálogo entre dois personagens que não sabemos quem são, e não sabemos muita coisa, porque eles não são identificados e a situação não é explicada, mas é possível perceber pela descrição das ações que há uma criança sendo sequestrada. O segundo capítulo não começa de forma muito diferente, novamente temos um diálogo, mas agora são outros personagens, e isso logo percebemos, inclusive porque o narrador passa a ser um personagem que conta em primeira pessoa, o policial Honaldo, e antes era um narrador onisciente. Isso requer dos leitores maior atenção, com retomada de partes do texto e conversas sobre o lido — justamente o que compreendemos como essencial nas práticas de leitura literária na escola. Trata-se de uma obra desafiadora do ponto de vista da narrativa e que convida ao diálogo e a trocas entre seus leitores. E esse desafio permanece mesmo no desfecho, pois o menino sequestrado consegue se libertar, mas a narrativa deixa questões abertas: quem era esse menino, era mesmo uma criança ou um personagem do folclore que nunca cresceu?

Para que essas chaves de leitura sejam observadas, analisadas e apreciadas pelos estudantes, é importante realizar uma leitura prévia da obra a fim de antecipar recursos literários e questões que permearão a **leitura dialogada**. Entretanto, não é possível prever tudo, afinal durante a leitura e as conversas pode ser que as crianças, ao expor suas observações, revelem ao professor chaves de leitura a princípio não planejadas para o trabalho com o livro — e aproveitar e agregar o sentido da leitura do outro é um comportamento leitor importante a ser considerado nesse processo. Afinal, conceber a literatura como objeto artístico é acreditar em múltiplas interpretações, desde que bem justificadas.

#### **Para saber mais**

De acordo com a pesquisadora argentina Cecilia Bajour, a **chave de leitura** de um texto diz respeito ao modo como escolhemos adentrar em um livro a partir do que consideramos essencial para o entendimento da narrativa. Contudo, por mais que se planeje esse momento, é fundamental estar aberto às contribuições das crianças. Nas palavras dela:

As leituras que escapam à chave adotada pelo professor também podem ser interessantes, e é importante valorizá-las: todos nós, leitores, crescemos com as leituras dos outros, e isso também se transmite. Na conversa literária uma chave se enriquece com outras chaves. (*Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. p. 67.)

A leitura desta obra e a participação efetiva dos estudantes em práticas regulares de leitura de livros literários na escola podem contribuir para desenvolver a competência específica 9 de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental:

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/ Consed/ Undime, 2018, p. 87.)

Essa competência trata do caráter artístico da literatura ao mesmo tempo que destaca a experiência como algo que nos humaniza. De acordo com a Política Nacional de Alfabetização (PNA), no decorrer da leitura é necessário assegurar momentos de **interação verbal**: diálogos sobre o que foi lido para que o leitor possa atribuir sentidos a partir de uma construção coletiva. O contato frequente com a linguagem que se utiliza para escrever leva as crianças a **desenvolver seu vocabulário** à medida que elas refletem sobre os múltiplos sentidos que uma palavra pode ter, dependendo de seu uso. Tudo isso vai ser contemplado na mediação sugerida para o professor e nas propostas de atividades deste material.

## Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa

As práticas de leitura literária na escola precisam ser diversificadas para atender à multifacetada tarefa de formar leitores. A **leitura dialogada** é uma das práticas que mais contribuem para atingir esse objetivo, pois preserva o caráter socializador da leitura quando o professor lê em voz alta para os estudantes e abre um **espaço para a troca** e a **interação verbal**. Ao realizar a leitura literária com frequência na rotina escolar — e atrelada a outros momentos em que as crianças possam explorar e ler com os colegas ou de forma autônoma (para os que já o fazem) —, conseguimos criar espaços favoráveis para a construção coletiva de sentidos.

Reforçando o caráter social da leitura, a especialista catalã Teresa Colomer afirma:

Compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade de leitores que a interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá às crianças a oportunidade de atravessá-la. (COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007, p. 143.)

Assim, um princípio do trabalho com a leitura literária na escola — que é a principal instituição responsável por formar leitores — é conversar sobre o que foi lido com uma mediação qualificada e planejada com antecedência. E nesse momento são essenciais as chaves de leitura, como já mencionamos. Além da leitura em si, outras atividades podem complementar e enriquecer essa experiência, como as sugeridas nas etapas de pré e pós-leitura deste material. Mas destacamos que a leitura da obra é um conteúdo em si mesmo, ou seja, ela não está a serviço de outros componentes curriculares, como algo instrumental. Existem, no entanto, situações que, atreladas à leitura, podem ampliar a formação do leitor e é nessa perspectiva que propomos algumas atividades neste material.

Ao participar das propostas sugeridas, os estudantes poderão desenvolver, entre outras, as seguintes habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

**(EF15LP15)** Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

**(EF15LP18)** Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

**(EF35LP03)** Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

**(EF35LP04)** Inferir informações implícitas nos textos lidos.

**(EF35LP05)** Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.

**(EF35LP26)** Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.

Vale destacar que o desenvolvimento das habilidades não ocorre a partir de situações didáticas esporádicas, mas requer um contato sistemático com práticas de leitura literária. Além de ampliar o repertório dos estudantes, isso garante o acesso ao livro, objeto cultural que talvez só esteja disponível a alguns estudantes quando estão na escola.

## **PRÉ-LEITURA**

Ao longo da narrativa, os estudantes vão deparar com muitos personagens do folclore brasileiro, por isso levantar os conhecimentos prévios deles a respeito destes seres fantásticos pode contribuir para a entrada na leitura da obra.

A proposta é fazer uma roda de conversa para que as crianças comentem os personagens do folclore que conhecem e, a partir disso, pedir que compartilhem o que sabem sobre eles: suas características físicas, seu perfil, seus hábitos. A atividade pode se tornar ainda mais instigante se for possível levar para apreciação algumas imagens desses personagens e alguns livros do acervo da escola, pois assim podem retomar uma história conhecida e analisar uma imagem para troca de ideias.

### Sugestões de obras

- *Abecedário de personagens do folclore brasileiro*, de Januária Cristina Alves, com ilustrações de Cezar Berge. São Paulo: Edições Sesc; FTD, 2017.
- *Nas águas do rio negro*, de Drauzio Varella, com ilustrações de Odilon Moraes. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.
- *Um Saci no meu quintal: Mitos brasileiros*, de Monica Stahel. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.

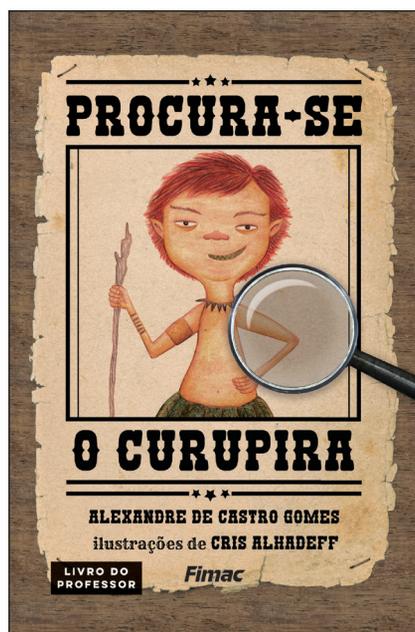
Aproveitando todas as informações que circularam na roda, proponha aos estudantes que façam na sala uma galeria de personagens do folclore brasileiro. Organize a turma em duplas ou pequenos grupos: cada dupla ou grupo escolhe seu personagem preferido, faz uma ilustração e escreve uma breve legenda ou uma ficha técnica com as principais informações sobre o ser escolhido. Podem acordar previamente quais informações serão inseridas, como nome, lugar em que vivem, características físicas e hábitos, entre outras.

Comente depois que vocês vão ler *Procura-se o Curupira*, um livro que retomará alguns desses personagens do nosso folclore e que talvez apresente outros, que eles ainda não conhecem. Combine, então, que após a leitura vocês voltarão para essa galeria a fim de incrementar as informações ou acrescentar personagens.

## LEITURA

Há muitas possibilidades para começar a leitura compartilhada de *Procura-se o Curupira* com os estudantes. Uma delas é partir de perguntas sobre a capa:

- Quando vocês olham para a capa, ela lembra algo a vocês? **O que** seria? (Talvez eles mencionem que se parece com um cartaz.) **Quem** costuma produzir esse tipo de cartaz?
- **O que** o sorriso do personagem sugere? E a postura dele, com uma mão na cintura e a outra em um objeto que parece uma vara?
- Essa posição contribui para construir uma ideia de que ele é culpado por algo que fez?
- O título do livro nos faz imaginar que o Curupira está foragido. **Por que** será que estão procurando por ele?



Não há resposta certa nem errada para essas perguntas. A intenção é que as crianças levantem hipóteses sobre o que vão ler, antecipando o que pode acontecer na história. Trata-se de um momento importante da leitura para engajar a turma com o livro, criando um clima de suspense — marca que poderá instigar os leitores a desvendar os mistérios.

A leitura da quarta capa pode auxiliar nas antecipações, uma vez que nos aproxima da narrativa. Além disso, trabalhamos dessa forma um dos comportamentos leitores que temos como objetivo desenvolver. Depois da leitura, vale retomar a conversa para verificar se as crianças mudariam algo que mencionaram antes e, em caso afirmativo, justificar o que as levou a pensar daquela forma e agora mudar as antecipações e inferências. Podemos ainda ver no livro a carteira de identificação de três funcionários da Polícia Civil das Histórias. Claro que elas pertencem ao Mundo da Literatura Infantil e Juvenil, e você pode estimular os estudantes a comentar as informações: além do nome, vemos o cargo e o tipo sanguíneo. **Por que** constam essas informações? Sentiram falta de algo?

A modalidade de **leitura compartilhada e dialogada** é a mais indicada neste livro, principalmente em razão do projeto gráfico, que dá um tratamento especial às fichas criminais, que surgem em páginas duplas conforme vão aparecendo mais suspeitos na história. Essas fichas apresentam muitos detalhes que podem ser observados mais atentamente se cada criança tiver seu exemplar em mãos. Além disso, uma leitura detida em certas passagens da narrativa pode suscitar comentários e reflexões sobre os efeitos produzidos no leitor, como é o caso de trechos como o epílogo, que apresentam muitas onomatopéias.

Como a narrativa é dividida em capítulos, vale um planejamento sobre a forma que a leitura será organizada no tempo didático, para que não se distancie muito a leitura de um capítulo para outro. Conforme avançam na leitura, é fundamental que os estudantes consigam seguir as pistas do responsável pelo desaparecimento do menino, antecipando acontecimentos e fazendo anotações — assim criam uma linha de argumentação e facilitam a retomada da leitura do capítulo seguinte. Há certas passagens que merecem uma parada para que os estudantes comentem o que pensam e, conseqüentemente o que pode acontecer. Por exemplo, no capítulo “Banho de chuva — parte 2”, Billy foi sozinho se abrigar da chuva em um lugar que foi chamado de “quase uma marquise natural” (p. 72): percebeu que tinha mais alguém lá e não conseguiu ver quem era, mas parece ter reconhecido a voz perguntando “Trouxe doce?” (p. 73). Esse trecho permite uma provocação aos estudantes: **que** personagem seria esse? **Quem** costumava pedir doce? **Como** sabemos disso?

Depois das passagens em que Billy e Honaldo se aproximam de algum lugar na floresta com cenas suspeitas, vale também fazer paradas para perguntar **o que** os estudantes acham que eles vão encontrar, **se** agora será o verdadeiro culpado, **se** é mesmo o Curupira... Sempre após esses momentos é fundamental dar continuidade à leitura para confirmar ou não essas antecipações e inferências. O intuito não é saber quem acertou; a potência dessa interação verbal está no fato de procurarem cada vez mais pistas, indícios da narrativa para poder opinar e antecipar os acontecimentos. Planejar essas paradas estratégicas é importante para criar um clima de suspense ao mesmo tempo que potencializa o desenvolvimento das estratégias de leitura.

Algumas chaves de leitura podem nortear a conversa sobre a narrativa, mas sempre é importante ressaltar que um diálogo genuíno parte necessariamente da escuta. Por essa razão, é importante considerar as falas iniciais das crianças para sustentar uma conversa. Sentir o grupo pode dar pistas para iniciar a **interação verbal** após a leitura. Nesta obra, uma chave de leitura possível é o uso da linguagem literária em certos acontecimentos narrados, a riqueza do vocabulário e a forma como as palavras e expressões foram empregadas. A passagem abaixo serve como modelo:

— Entre aí!  
Os pés da criança não se moveram.  
— Anda, moleque! Não me faça perder a paciência!  
O menino estava com as mãos amarradas para trás. (p. 6)

- A história começa assim. Conseguimos saber **quem** são os personagens?
- **O que** sabemos sobre eles, com base nesse trecho inicial?
- Já tinham lido histórias que começam assim, sem apresentar os personagens?
- “Os pés da criança não se moveram.” **O que** podemos pensar com base no que o narrador escreve?

Outro trecho que oferece oportunidade para nova parada:

Seguimos aquele estranho rastro por uns dez minutos, até que ele sumiu no chão mais duro da floresta. Foi quando ouvimos alguns choramingos agudos. Seria nossa vítima? Sacamos as armas e fomos atrás do alarde. Andamos devagar e com cuidado para não denunciar nossa presença com barulhos ou movimentos bruscos. A mata parecia entender a gravidade da situação. Os pássaros não chilreavam mais. Os grilos deixaram de cantar. As borboletas fecharam as asas, e as aranhas pousaram as agulhas de costura. Só restaram os gritos lamentosos da criança. (pp. 35-36)

- **O que** vocês sentiram nesse momento da narrativa?
- Vocês acham que agora os policiais chegarão até a vítima? **O que** fez vocês pensarem assim?
- Imaginam que agora o Curupira será encontrado?
- **Como** o suspense foi criado? Justifiquem com um trecho do texto.

Vale notar que as frases curtas, o cenário da mata (com o chão ficando mais duro), o silêncio dos animais, tudo isso cria uma atmosfera de suspense e gera uma expectativa dos leitores em querer saber o que vai acontecer em seguida. Observamos também a presença de palavras e expressões que podem não fazer parte do vocabulário dos estudantes, como “choramingos agudos”, “chilreavam” e “gritos lamentosos” (p. 35-36), entre outros. Nesses casos, é possível atribuir sentido a partir do contexto da narrativa; por exemplo, é provável que imaginem que “os pássaros não chilreavam mais” (p. 35) significa que não emitiam mais os sons característicos das aves. Outro trecho que merece atenção é “as aranhas pousaram as agulhas de costura” (p. 36). **Qual** é o sentido dessa passagem? Estimule-os

a refletir sobre essa imagem, que relaciona o tecer das aranhas com as agulhas de costura. Trata-se de um sentido metafórico, já que elas não usam literalmente agulhas para fazer as teias. Com essa discussão, chamamos atenção para a linguagem literária desse trecho em que o autor explora diversos recursos expressivos para dizer que tudo parou.

As fichas criminais também abrem espaço para outras chaves de leitura da história, uma vez que trazem informações sobre cada ser fantástico que os policiais vão encontrando. A ficha contém dados que contextualizam de onde vêm, lugares que frequentam, suas principais características, além de uma imagem do personagem e observações que chamaram a atenção dos investigadores. Algumas sugestões para uma conversa a cada ficha:

- Vocês conhecem esse personagem? **O que** sabem sobre ele?
- Leram na ficha algo que não sabiam e que chamou a atenção?
- **O que** vocês sentiriam se encontrassem com esse personagem numa floresta?
- Além das principais informações, outros objetos aparecem anexados à ficha de cada personagem. **Por que** eles aparecem lá?

Depois de ler a ficha de todos os personagens, você pode promover um levantamento de quais conheciam e quais deles foram descobertos com a leitura, quais parecem mais assustadores e inofensivos, entre outros aspectos.

As fichas também podem ser analisadas e apreciadas mais detidamente considerando as observações que estão no fim delas e também os objetos que estão anexados ou que constam no mesmo arquivo do suspeito (como a embalagem de bala, a pena, fotos, *post-it* com anotações). Justamente pelo fato de serem fichas criminais, estavam na delegacia com pistas sobre supostos envolvimento com crimes. **O que** há em cada uma das fichas relacionado com o sequestro? Há alguma informação que gostariam de anotar para não esquecer?

Por exemplo, na ficha do Lobisomem (p. 58-59), há a foto de uma grande pegada, das marcas de garra numa árvore e ainda um *post-it* com informações anotadas a caneta, a mesma que está apoiada sobre a ficha e que provavelmente foi utilizada para grifar “estiver na sua frente”. **Por que** esse grifo? Atrás da ficha, dá para ver uma folha presa por um clipe, com o título “Lobisomem”. Podemos imaginar **do que** se trata?

Uma reviravolta no fim da história leva os leitores à caverna da Cuca, uma bruxa



que se alimenta de crianças e se transforma em dragão. A novidade não é encontrar tal personagem, mas saber que ela é, na verdade, a Consuelo, a senhora portuguesa que os policiais encontraram no Cascudo's e que fez de tudo para criar pistas falsas e acusar o Curupira pelo desaparecimento do menino. Ao longo da narrativa também descobrimos que não se tratava bem de uma criança, e sim de Romãozinho, que só tem aparência de criança.

- Vocês esperavam esse desfecho da história?
- Imaginavam que a Cuca poderia aparecer e ainda por cima ser a Consuelo? Se sim, **o que** fez vocês pensarem assim?
- **Se** fossem o autor, mudariam esse final? **Por quê? Como** seria o fim da história?

Ainda podemos contar com o epílogo. Caso as crianças não saibam do que se trata ou nunca tenham lido um epílogo, explique que ele aparece em alguns textos literários para trazer uma cena ou uma retomada dos acontecimentos a fim de que o leitor compreenda algo importante. Neste caso, o narrador foca no Curupira.

- Com a leitura do epílogo, **o que** sabemos sobre a história? **O que** o Curupira estava fazendo?
- O que indicam todos aqueles “Pá! Tum-tum-tum!”? **Como** sabe disso?

A passagem que o Curupira fala “Vamos ver agora se ele acha o meu solo um barulho abominável” (p. 103), retomando um comentário do delegado Joaquim (p. 70), pode ser discutida nesse momento para os estudantes justificarem o que pensam a respeito dos barulhos produzidos e explicitados no epílogo.

Vale uma conversa final, depois de terem lido a obra na íntegra, para comentários gerais e impressões pessoais sobre a obra. Retomar passagens da história de que mais gostaram, sempre justificando as escolhas, pode ser uma maneira bacana de terminar a leitura. Além disso, retomar o primeiro capítulo e o epílogo para discutirem o narrador, já que somente estas partes são narradas em terceira pessoa e focam no mesmo personagem: o Curupira.

## PÓS-LEITURA

Há muitas situações didáticas que podem ser promovidas após a leitura de um livro com o propósito de formar leitores. A proposta é fazer uma galeria de personagens a partir do trabalho sugerido na pré-leitura, aprofundando a relação dos estudantes com os seres fantásticos para que agora possam escrever mais sobre eles.

Vale retomar o que foi feito e propor uma revisão, se necessário, das informações sobre os personagens, com acréscimos ou substituições. Assim, será necessário voltar à história a fim de reler alguns trechos. Compreender melhor esses personagens e localizar alguma informação importante são atividades que podem contribuir para o processo de escrita.

Depois, você pode dar continuidade à proposta com uma nova atividade: escolher os personagens que conheceram com a leitura deste livro para compor a galeria já iniciada na atividade de pré-leitura. Desse modo, estamos desenvolvendo comportamentos leitores essenciais para essa formação, ao mesmo tempo que consideramos também os comportamentos do escritor, como a seleção do que será escrito, a textualização em si e todo o processo de revisão que ajudará o estudante a refletir sobre os recursos linguísticos necessários para deixar o texto ajustado ao destinatário.

Por essa razão, é fundamental combinar com os estudantes que vocês vão expor a galeria de personagem fora da sala de aula. **Onde** será exposta? **Quem** serão os leitores? **Quais** personagens vão compor essa galeria? **Como** será a divisão do trabalho? Cada dupla ficará responsável por ilustrar e escrever sobre um personagem?

Uma ideia para essa escrita é se aproximar do modelo de ficha técnica, como viram na ficha criminal que aparece em vários momentos da obra. Lá tinha nome, naturalidade, características físicas, lugares que frequenta, atividade e observações.

Em uma galeria de personagens, podem entrar esses mesmos aspectos ou outros que a turma achar interessante. O importante é fazer esses combinados coletivamente para que depois as duplas possam trabalhar na produção escrita e dos desenhos que irão compor a galeria. Se preferirem, podem buscar imagens na internet ou em outros materiais para esse fim.

Outra possibilidade é escrever uma legenda para as imagens; nesse caso, como se trata de um gênero que parte do campo artístico-literário, o texto pode ser formado por curiosidades sobre o personagem ou outros tipos de conteúdo que a turma achar significativos. Lembre que é fundamental manter a brevidade do texto, já que essa é uma das características principais de uma legenda.

Ao produzir essa ficha técnica ou uma legenda para a imagem, os estudantes podem desenvolver, entre outras, as seguintes habilidades previstas na BNCC para o Ensino Fundamental de Língua Portuguesa:

**(EF15LP05)** Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.

**(EF15LP06)** Rer e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.

**(EF15LP07)** Editar a versão final do texto, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, ilustrando, quando for o caso, em suporte adequado, manual ou digital.

Depois do processo de escrita — planejamento, textualização e revisão —, é o momento de compartilhar o resultado com outros leitores, conforme a escolha da turma. Apresente a galeria de personagem no local combinado e convide o público envolvido a prestigiar a produção dos estudantes.

# Outras propostas de leitura e abordagem da obra

## AMPLIAÇÃO DA COMUNIDADE DE LEITORES NA ESCOLA

O grupo da sala de aula pode constituir uma comunidade de leitores quando é oferecida a oportunidade de os estudantes lerem e apreciarem histórias juntos. Sabemos, no entanto, que é possível ampliar essa comunidade ao envolver outras pessoas, como outros professores, funcionários e moradores do entorno, constituindo a escola como o centro dessa comunidade. Para que isso ocorra, sugerimos pesquisar se na comunidade escolar há contadores de histórias ou se há grupos que organizam algum tipo de evento literário, como saraus ou clubes de leitura. Também seria interessante saber se existem bibliotecas públicas ou comunitárias próximas à escola. Engajar todos em prol da leitura leva os estudantes a acreditar que ler é uma prática gostosa e importante. Apresentamos a seguir uma proposta para ampliar as experiências de leitura deles.

### LEITURA FEITA POR UM CONVIDADO

Provavelmente, há na comunidade escolar pessoas que conhecem muitos causos que envolvem seres fantásticos do nosso folclore. Uma sugestão é convidar alguém que possa contar histórias com esses personagens — por exemplo, histórias que ouviram quando eram crianças, na região onde moram. Dessa forma, as crianças entram em contato com outras formas de ler e apresentar histórias e criam vínculos entre as gerações por meio da literatura.

Esse convidado pode ser um familiar de algum dos estudantes ou alguém da comunidade escolar, como outro professor, alguém da gestão escolar, da limpeza, da manutenção — ou seja, uma pessoa que goste de contar histórias ou que conheça algum caso interessante e que a turma tenha interesse em ouvir. Essa prática pode ocorrer com regularidade, criando assim uma agenda de convidados ao longo do bimestre, do semestre ou do ano.

### LITERACIA FAMILIAR

De acordo com a PNA, para uma sólida **formação de leitores** é fundamental o trabalho com os familiares ou responsáveis, que são considerados grandes aliados da escola para conseguir este complexo desafio:

O êxito das crianças na aprendizagem da leitura e da escrita está fortemente vinculado ao ambiente familiar e às práticas e experiências relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita que elas vivenciam com seus pais, familiares ou cuidadores, mesmo antes do ingresso no ensino formal. Esse conjunto de práticas e experiências recebe o nome de literacia familiar (WASIK, 2004; SÉNÉCHAL, 2008). (BRASIL. Ministério da Educação. PNA – Política Nacional de Alfabetização. Brasília: MEC/ Sealf, 2019, p. 23.)

Os estudantes podem levar *Procura-se o Curupira* para ler com os familiares e apreciarem juntos a história. Vale a pena orientar os familiares como proceder nesse momento de leitura em casa, sobretudo se essa prática não for frequente. Algumas sugestões que podem ser dadas:

- Organizar na rotina da casa um momento e um espaço para a leitura, que pode ser na cama antes de dormir.
- Incentivar a criança a comentar como foi a leitura da história feita na escola.
- Perguntar se a criança gostaria de ler ou de ouvir a história. Vale também dividir os capítulos a quem for ler.
- Abrir um espaço para a criança comentar suas impressões, o que mais gostou, o que chamou sua atenção, as reflexões suscitadas pela leitura.

O espaço acolhedor, permeado de carinho e aconchego, é importante para marcar essa experiência de leitura de forma significativa, contribuindo para um vínculo maior da criança com os livros.

A ideia é criar um momento prazeroso, de leitura e conversas, no qual a criança possa se mostrar confiante como leitora, uma vez que o livro já foi lido e discutido em sala. Ela também terá uma nova oportunidade, agora em casa, de manter uma postura de detetive que observa cada pista oferecida para solucionar o caso, possibilitando talvez uma ressignificação de algumas delas, por já conhecer o desfecho.

A brincadeira de detetive pode ser incrementada com a anotação, num caderninho ou qualquer material disponível, das pistas que aparecem ao longo da narrativa. Vale também alguma referência às características dos seres fantásticos que aparecem por meio de desenho, como a pegada encontrada na cena do crime e que nos permite antecipar que é do Curupira.

De volta à escola, vale uma roda de conversa para que todos compartilhem a experiência de leitura com familiares ou responsáveis e as anotações feitas. Também é possível levantar aspectos que se relacionam aos hábitos de leitura com perguntas como:

- **Como** foi a preparação para a leitura na sua casa?
- **Quando** vocês leram, à noite ou em outro horário? Você gostou desse momento de leitura? **Do que** mais gostou?
- **O que** seus familiares acharam da história? **Sobre o que** conversaram?

A continuidade da prática de empréstimo de livros às famílias é uma boa oportunidade de dar acesso a obras literárias para crianças e adultos, ampliando as possibilidades de formar cada vez mais leitores.

## Bibliografia comentada

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

A autora fala da importância da conversa para a formação do leitor e como essa troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. Ela também traz exemplos práticos, refletindo sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/ Consed/ Undime, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 30 out. 2021.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA — Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC/ Sealf, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/cadernoPNA>. Acesso em: 30 out. 2021.

Documento produzido pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Alfabetização (Sealf), que busca elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território brasileiro.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

Uma contribuição valiosa tanto para ampliar as referências sobre a relação entre escola, leitores e livros, como para refletirmos sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, pp. 20-8, jan.-abr. 2002. Disponível em: [http://bit.ly/notas\\_experiencia](http://bit.ly/notas_experiencia). Acesso em: 30 out. 2021.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

## Sugestões de leituras complementares

Indicamos aqui alguns textos que podem contribuir com o seu trabalho por ampliar os temas e as propostas abordados neste material.

CARVALHO, A. C.; BAROUKH, J. A. *Ler antes de saber ler: Oito mitos escolares sobre a leitura literária*. São Paulo: Panda Books, 2018.

Com exemplos da prática escolar e de situações de formação de educadores, as autoras propõem um debate sobre a escolha de livros de qualidade, as diferenças entre ler e contar histórias, a importância da conversa para a formação de leitores, entre outros aspectos.

COLOMER, Teresa. *Siete llaves para valorar las historias infantiles*. Madri: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002.

Neste livro, a autora apresenta sete chaves que permitem analisar as histórias infantis, tratando de elementos fundamentais, como apreciação de palavras e imagens, até ampliação do mundo próprio do leitor.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Quais são as tensões envolvidas no ensino da leitura e da escrita na escola? A pesquisadora argentina explica aos educadores o que precisa ser ensinado para formar leitores e escritores de fato. Para isso, oferece exemplos de propostas de leitura e escrita.